

TERRITÓRIOS DAS ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI: UMA RELAÇÃO DE BIOPODER E SEXUALIZAÇÃO DOS CORPOS FEMININOS

Data de aceite: 01/11/2023

Joriana de Freitas Pontes

Karlla Christine Araújo de Souza

INTRODUÇÃO

A pesquisa almeja compreender as narrativas de si de três adolescentes em conflito com a lei, pela ótica das relações de biopoder nos territórios dessas meninas, compartilhado com as facções¹ que são ligadas ao tráfico de drogas e ao crime organizado. As narrativas das histórias de vida dessas adolescentes atendidas pelo projeto “História das Histórias nos Trilhos do Cordel”, do Centro de Referência Especializada da Assistência Social – CREAS, no município de Mossoró, é o campo de pesquisa da dissertação de

mestrado, da aluna Joriana de Freitas Pontes, que há 12 anos trabalha com esse público, cujo projeto citado é de sua autoria.

Esse texto pretende analisar as narrativas de vida das adolescentes, meninas empobrecidas, residentes em comunidades periféricas na cidade de Mossoró-RN. A ampliação do conhecimento, sobre as sujeitas e suas narrativas de si, possibilita refletir assuntos como violação dos corpos, relações nos seus territórios com elas e com os outros, entendendo a relação de biopoder estabelecidas em seus territórios. Tais constatações torna-se importantes para reflexão dessas relações nas trocas, conquistas, explorações nos saques dos “corpos territórios”², “territórios corpos,” através da violência. Neste sentido, até

1 Facções podem ser compreendidas como grupo de indivíduos antagônicos que disputam a supremacia política. Neste artigo serão citadas duas grandes facções criminosas existentes no Rio Grande do Norte: Primeiro Comando da Capital, oriunda do Estado do Rio de Janeiro (PCC), e a outra Sindicato do Crime do RN (SDC) - oriunda do sudeste que ganhou os Estados do Norte e Nordeste, obtendo força com à rebelião da Penitenciária Estadual de Alcaçuz em 2017.

2 Segundo Gago, “A conjunção das palavras corpo-território fala por si mesma: diz que é impossível recortar e isolar o corpo individual do corpo coletivo, o corpo humano do território e da paisagem. Corpo e território compactados como única palavra desliberaliza a noção do corpo como propriedade individual e especifica uma continuidade política, produtiva e epistêmica do corpo enquanto território. O corpo se revela, assim, composição de afetos, recursos e possibilidades que não são “individuais”, mas se singularizam, porque passam pelo corpo de cada um na medida em que cada corpo nunca é só “um”, mas o é sempre com outros, e com outras forças também não humanas” (2020, p. 79-80).

que ponto o sistema patriarcal e sexual interfere na divisão das oportunidades de trabalho na vida desses adolescentes que estão em conflitos com a lei?

A pesquisadora trabalha, desde 2012, com esse público de adolescentes, no Centro de Referência Especializada da Assistência Social (CREAS), e por longos anos foi a única profissional em Mossoró/RN a trabalhar diretamente nas oficinas socioeducativas em meio aberto com adolescentes, em cumprimento de medidas de Liberdade Assistida (LA) e Prestação de Serviço à Comunidade (PSC), gerando vínculos afetivos e interesse de conhecer profundamente suas narrativas de si.

Essa pesquisa de narrativas de si a partir da análise dos territórios e suas relações de biopoder e sexualização dos corpos das adolescentes, que frequenta o projeto “História das Histórias nos Trilhos do Cordel”, sustenta-se nos fundamentos teórico-metodológicos da pesquisa (auto) biográfica de Ferrarotti, que elucida:

Todas as narrações autobiográficas relatam, segundo um corte horizontal ou vertical, uma práxis humana. Ora, se ‘a essência do homem [...] é, na sua realidade, o conjunto das relações sociais’ (Marx, VI Tese de Feuerbach), toda a práxis humana individual é atividade sintética, totalização ativa de todo um contexto social. Uma vida é uma práxis que se apropria das relações sociais (as estruturas sociais) interiorizando-as e voltando a traduzi-las em estruturas psicológicas, por meio da sua atividade desestruturante e estruturante. Toda a vida humana se revela, até nos seus aspectos menos generalizáveis, como a síntese vertical de uma história social. Todo o comportamento ou ato individual nos parece, até nas formas mais únicas, a síntese horizontal de uma estrutura social (2014, p. 41).

As etapas construídas nesta pesquisa qualitativa compreenderam dois momentos, os quais achamos essenciais pontuá-los, já que as sujeitas locutoras da pesquisa fazem parte de um contexto de cumprimento de medida socioeducativa, com dificuldades de escrita e leitura, assim como problemas extremos em confiança e comunicação.

Assim, o primeiro momento consistiu em encontros com essas adolescentes, nos quais buscamos estabelecer um ambiente seguro de confiança mútua, para iniciarmos os trabalhos das oficinas artísticas e mediações de conteúdos programáticos que gerassem interesse coletivo. Já o segundo momento, deu-se a coleta das narrativas orais das adolescentes, apresentando a poesia livre com círculos de apoio. Nesses círculos de apoio, obtivemos as narrativas de si, através das quais podemos observar o conflito das relações existentes nos seus territórios e a forma como essas meninas são tratadas pelos homens.

Sabendo disso, o presente artigo será dividido em três seções. A primeira seção, intitulada “Entendendo a Socioeducação e Garantia de direitos de Crianças e adolescentes na Assistência Social”, provoca uma reflexão acerca dos marcos legais nos processos de garantia de direito em que essas adolescentes estão inseridas, a partir da Constituição de 1988 até os dias atuais.

A segunda seção, “Narrativas de Si nos Territórios de Ninguém”, focará nas narrativas de si das três adolescentes, a partir das quais entenderemos um pouco sobre a relação de

biopoder entre as facções que comandam os bairros periféricos de Mossoró, moradores e Estado.

Na terceira e última seção, “Narrativas de Si e os Corpos Femininos”, podemos compreendendo as relações de biopoder dos corpos femininos sexualizados dentro das estruturas machistas, herança do sistema patriarcal estrutural e suas interferências nas oportunidades de vida dessas adolescentes.

Para identificar as sujeitas da pesquisa neste artigo, foram utilizados nomes fictícios substituindo os nomes verdadeiros das mesmas, a fim de preservar suas identidades e contribuir com um imaginário poético, presente nas histórias de vida dessas meninas.

Nossas interlocutoras, que chamamos de adolescentes em conflitos com a lei, compreendem idades de 13, 14 e 16 anos, e estão inseridas nas camadas subalternas da cidade e na vulnerabilidade social, empobrecidas pela ausência do Estado e das políticas públicas. Se eximindo da garantia de oportunidades de alimentação, moradia, segurança e renda, um verdadeiro Estado de Exceção, sendo as intervenções das facções que determinam deixar morrer e ou viver.

Cada narrativa de histórias de vida dessas adolescentes entrelaça-se como encruzilhadas umas com as outras e com as poucas oportunidades que a vida oferta, possibilitando nas suas ações recomeços e suporte que alimenta os sonhos, a partir de contextos complexos e singulares vividos por cada uma.

ENTENDENDO A SOCIOEDUCAÇÃO E A GARANTIA DE DIREITOS DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NA ASSISTÊNCIA SOCIAL

Ao longo da história, o cuidado com as crianças e adolescentes empobrecidas e suas famílias residentes em condições precárias na periferia das cidades era assistida pelas entidades religiosas ou eclesásticas. A caridade e a compaixão neste período solucionavam problemas que eram de responsabilização do Estado, e que no Brasil só foram modificados após a Constituição de 1988 e a lei de nº 8.742 de 07 de dezembro de 1993, que trata da organização da Assistência Social e dá outras providências.

Faleiros faz um resgate histórico a partir dos governantes sobre o surgimento dessa Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS):

No final do ano de 1993 fez aprovar a LOAS, Lei Orgânica da Assistência Social, que torna a assistência social um dever do Estado e direito do cidadão. A política de mínimos, nela prevista, foi implementada através de benefícios continuados ... Grande parte dos municípios implementaram os conselhos da assistência social e de direitos das crianças e adolescentes (2000, p.206).

A LOAS possibilitou a garantia de direitos às crianças e aos adolescentes, os quais passaram a ser consideradas patrimônios da nação. A mudança de paradigma, de uma concepção assistencialista para uma de garantia de direitos, revolucionou nossa história, passando a ser responsabilidade do Estado e da sociedade o bem-estar dos cidadãos

- incluindo um pacote de ações destinadas a assegurar os direitos relativos à saúde, à previdência e à assistência social.

Com as leis vieram os debates e o avanço sobre as questões de garantia de direito para Criança e Adolescentes, e um possível estatuto ganhou destaque por consequência do fortalecimento dos movimentos sociais. Esse debate promoveu a construção de um dos maiores documentos democráticos e potentes de garantia de direitos e deveres das Crianças e Adolescentes em formato de Estatuto.

As ações do Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) constituem-se como medidas implementadas pelo Estado que reconhecem a desigualdade social presente na sociedade, e principalmente no sistema educacional, que discrimina, exclui, coloniza e marginaliza a população empobrecida.

Esse público de adolescentes, quando comete um ato infracional, entra em conflito com a lei, e é levado para uma instituição até serem julgados. A vara da infância e juventude é responsável por aplicar a punição aos/às adolescentes, sendo ressignificada com um nome de aplicação de medida socioeducativa, isso porque estamos falando de garantias de direitos, e não de perdas destes.

Faz-se necessário responsabilizar ao/as adolescentes por serem sujeitos de deveres e guiarem-se nos parâmetros legais da lei. Após a decisão da juíza e do promotor, na vara da Infância e juventude, o/a adolescente segue para cumprimento de medida socioeducativa em meio aberto ou fechado. Se for leve, a infração vai para medidas socioeducativas de liberdade Assistida (LA), ou para prestação de serviço a comunidade (PSC), no Centro de Referência Especializada da Assistência Social (CREAS)/Mossoró. Já se o ato infracional, desses adolescentes, chegar a ser grave, a medida socioeducativa pode ser cumprida em regime fechado, e encaminhada para o Centro de Atendimento Socioeducativo (CASE)/Mossoró.

Quando esses/essas adolescentes são encaminhados/as para o CREAS, eles passam a ser responsabilidade da Assistência Social, seguindo em uma triagem para preenchimento do Plano Individual do Adolescente (PIA). Para tanto, é necessário saber se os/as mesmos/as estão inseridos/as em algum grupo de risco, como facções, e se estão em algum conflito perpassado por ameaças.

Após essa triagem, os/as adolescentes são encaminhados/as para as oficinas socioeducativas, como, por exemplo, o projeto que inspirou essa pesquisa: “História das Histórias nas Trilhas do Cordel”. Esse projeto artístico-formativo comunga com a premissa de Paulo Freire (2005, p. 93) quando afirma que:

O diálogo como encontro dos homens para a tarefa comum de saber agir... Não há também diálogo, se não há fé nos homens. Fé no seu poder de fazer e refazer. De criar e recriar. Fé na sua vocação de ser mais, que não é privilégio de alguns eleitos, mas direito dos homens.

Neste projeto, não importa o que essas adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas fizeram, o mais importante é que terão a oportunidade de desenvolver o diálogo em um projeto que pode levá-las à resignificação, demonstrando sua capacidade de resiliência (CYRUNIK, 2005).

Dessa forma, as adolescentes desenvolverão suas cognições nas oficinas de xilogravuras, cordéis, violão, sanfonas, assim como nos círculos de diálogo, passando pela escuta da oralidade em que narram suas histórias de vida, as quais servirão para produção dos próprios cordéis e contação das narrativas de si.

Josso (2010) sugere reflexões sobre a importância de se trabalhar com histórias de vida em decorrência de ser uma metodologia que envolve à afetividade de quem narra, e nesse processo o narrador toma consciência de si. E, assim, reafirma sua existência, procurando na lucidez do ato de narrar uma arte para viver, tornando-se a narrativa um fator primordial para sua transformação.

Portanto, essas adolescentes buscam no projeto uma possibilidade de se reencontrarem com o seu “eu”, de forma a recriar suas histórias dentro de um prisma mais positivo e promissor, muitas vezes superando traumas ou os resignificando, com imagens que possibilitem sobreviver em meio a tantas “negações tempestivas”. Compreendemos isso a partir do que Borys Cyrunik (2005, p. 23) relata:

Adaptei minhas lembranças para suportá-las sem angústia. Na minha representação do acontecimento, acalmava-me pensar que o oficial alemão tinha me visto e ainda assim dado o sinal de partida para a liberdade. Eu não estava verdadeiramente certo, parecia-me... aquela intencionalidade não consciente me permitia remanejar a representação dos acontecimentos passados a fim de torná-los suportáveis e não sentir a lembrança como uma condenação inexorável. Graças a essa adaptação, eu não era prisioneiro do passado e escapava ao trauma.

Todavia, interessa pensar as possibilidades de descobrir o que as narrativas de si podem promover de mudanças nestas adolescentes. Segundo Josso (2016), as narrativas de si ajudam na compreensão de mundo, potencializando saberes e revelando pertencimento, promovendo a transformação de si.

NARRATIVAS DE SI NOS TERRITÓRIOS DE NINGUÉM

Singulares crianças que a vida te chama numa crueldade e pesar

As faltas, o silêncio faz os olhos marejar

Os territórios invadidos, despatriados, banidos e bandidos amigos, amigos?

O grito ecoa o prato é vazio, sexualizam nossos corpos, assaltados, apropriados, agredidos...

mas não deixam de sonhar ...

O sonho vira lamento quando o tiro e a bala perdida, errada , direcionada, atingida as fazem despertar!

Desespero no pensar, a vida boa é do outro...

(As deixem) Me deixem sair ... Voar ...

(Elas têm) Temos tanto pra realizar

Mais como pensar diferente se as ações inerentes a fome não as deixa escapar?

Nossos ,vossos corpos a sexualizar....

Espatória, quero – querem – gritar!

(Vão) Vou falar, narrar (suas) minhas histórias

Pra eu, você a gente, ressignificar

Me Ouvindo (as ouvindo) faz sentido

TRANFORMA o luto em luta e vai sim – bora escapar³.

As interlocutoras, sujeitas desse trabalho, serão nomeadas como a menina olho passarinho do mar, 14 anos de idade, negra, residente no bairro Dom Jaime, mais conhecido como “Inferno Colorido, ” localizado no território Sul em Mossoró. A menina borboleta das flores, 16 anos, negra, reside no mesmo território da menina citada acima, na mesma rua, porém sua casa fica mais próxima do início do bairro, em um local conhecido por “Favela do Velho”. Já a menina cruz da rosa possui 12 anos, também negra, residente no bairro Bom Jesus.

Esses bairros citados fazem parte do mesmo território, comandado por facções. Essas adolescentes nasceram e estão crescendo em territórios criminalizados, onde quem comanda são essas facções que brigam devido o comércio lucrativo de entorpecentes, contribuindo com muitas perseguições da polícia e mortes nestas localidades.

A cidade de Mossoró fica entre duas grandes capitais de dois estados do Nordeste, Natal, na capital do Rio Grande do Norte, e Fortaleza, no Ceará. Esse fator favorece a rota do lucrativo mercado europeu que atraiu essas facções do crime organizado, oriundas de outros estados, e que disputam essa rota lucrativa do tráfico de drogas, estabelecendo nesses territórios uma verdadeira guerra.

Segundo as estatísticas produzidas informalmente pelo Centro de Referência Especializada da Assistência Social, no ano de 2019, vieram a óbito um total de 35 adolescentes envolvidos com facções em Mossoró-RN. As facções se fortalecem no poder sobre os corpos que exercem nos territórios onde ocupam, determinando quem vive e quem morre nesses lugares, deixando os moradores sempre em estado de medo e alerta.

³ Este poema foi escrito pela autora do artigo.

Todas as quintas-feiras aconteciam os atendimentos das adolescentes meninas olhos passarinho do mar, borboleta das flores e cruz da rosa. Em uma das nossas conversas, no círculo de diálogo, surgia a pergunta de como é a relação das facções com seus territórios, e como sabíamos que aquele lugar pertencia a tal facção. A resposta veio imediatamente da menina olho passarinho do mar, a qual falou que esses territórios eram marcados por siglas, ou por números como mensagens codificadas ou subliminares:

Ah, isso aí é fácil de responder, os meninos picham os muros com a sigla da facção ou o número, por exemplo, lá no bairro tem no início dele marcado PCC, em alguns lugares o número 3, então todos sabem que se entrar algum boy lá que não seja do pcc, os boys de lá do pcc, mata mesmo, a ordem é mandar bala... às vezes é morto boy que nem tem haver com nada, mas é estranho e ninguém vai arriscar (Afirmação proferida em 12/05/2022).

Já a menina borboleta das flores tem muito pânico e medo do lugar em que nasceu e que vive com sua família, por ser violento e temer pela vida de seu irmão pequeno, mas que vai crescer. Segundo a menina borboleta, é difícil não se envolver com essa violência. Ela também falou que ali se vive “nas regras deles”:

Eles mandam e temos que obedecer, se fizermos algo contra eles que os deixem chateados, corremos riscos, recebemos advertência e até nos matam, eu não consigo viver bem ali, tenho um negócio que a médica falou, hum... o nome ééé, algo tem haver com pânico e tomo até remédio (Afirmação proferida em 12/05/2022).

Essas meninas convivem e vivem com essas facções muito presentes em suas vidas, pois, de fato, não há outra alternativa senão obedecer às regras dominante do poder para sobreviver.

As facções imprimem políticas colonizadoras onde ocupam os territórios, impondo limites aos moradores dessas localidades, sendo os membros das facções quem vigiam e controlam quem sai e quem entra nesses territórios. As vidas do povo não pertencem a eles próprios, e sim a um sistema opressor que impõe a política da morte.

Vale observar que essas facções estão em guerra declarada à política opressora do Estado, que por sua vez exerce o biopoder sobre as vidas dos cidadãos, por meio dos seus militares, os quais exercem o direito de matar. Segundo Mbembe (2016, p. 141):

Cada vez mais, a guerra não ocorre entre exércitos de dois Estados soberanos. Ela é travada por grupos armados que agem por trás de máscaras do Estado contra os grupos armados que não tem Estado, mas que controlam territórios bastante distintos; ambos os lados têm como seus principais alvos as populações civis desarmadas ou organizadas em milícias.

Neste aspecto, os sujeitos que ocupam esses territórios estão divididos entre a guerra de dois agentes, o primeiro patrocinado por grandes inteligências do crime e que por sua vez comandam as facções que disputam territórios entre si e que travam uma guerra com o segundo que é o Estado que por ocupar uma política de extermínio acaba apadrinhando a milícia nestes locais de grade disputa para manter o controle.

NARRATIVAS DE SI E A SEXUALIZAÇÃO DOS CORPOS FEMININOS

Gigantes Meninas que lutam por oportunidades ...

Corpos desnudos, erotizados, resistentes e sexualizados, seguem violados
... Vaidosas, raivosas, valentes - têm que pôr máscaras e ainda ser
irreverentes ... Siga – liga – tente – aqui – somos (são) sobreviventes!⁴

As meninas em conflitos com a lei, narradoras de suas histórias, refletem outras histórias. Essas narrativas de violência e sexualização dos corpos femininos são recorrentes desde o patriarcalismo. A opressão às mulheres e o desejo de “objetificar” seus corpos, a partir do biopoder masculino, gerou e gera até os dias atuais conflitos, nos quais os homens decidem sobre a vida e a morte das mulheres.

Não à toa, os índices de violência contra à mulher aumentaram 80% no período pandêmico, e não desacelerou até agora, segundo a pesquisa fornecida pelo Percepção da Sociedade sobre Violência e Assassinatos de Mulheres, Galvão (2015, s/p):

41% das jovens entrevistadas declaram que já foram agredidas por um homem: 51% apontaram um familiar como o autor da violência; 38%, um parceiro; e 23%, um amigo ou colega. Das que já foram agredidas, 94% foram assediadas verbalmente e 77%, fisicamente e em 72% destes casos, o contato físico foi provocado por desconhecidos: foram “encoxadas” no transporte público, tapas na bunda durante um passeio, beijos forçados na balada e outros tipos de agressões. Quando o assédio parte de conhecidos, em 10% dos casos os autores são familiares, 6% são parceiros e 9% um amigo ou colega. 90% das entrevistadas já deixaram de fazer algo por medo da violência, especificamente por serem mulheres, como usar determinadas roupas ou frequentar espaços públicos.

Creemos que essas violências contra as mulheres são fruto de um pensamento colonizador que vê nos corpos femininos propriedades adquiridas pelo domínio privado da propriedade pertencente ao homem. A propriedade privada passa a ser basilar no sistema patriarcal estrutural, na qual o homem detém o biopoder em relação aos corpos e às escolhas da mulher.

Sabe-se que historicamente o patriarcado enraizou-se no capitalismo e nas suas estruturas de organização social, legal, política e econômica. Esse processo se perpetua até hoje, segundo Safiotti (2004, p.57-58):

1) Não se trata de uma relação privada, mas civil; 2) Dá direitos aos homens sobre as mulheres, praticamente sem restrição... ; 3) Configura um tipo hierárquico da relação, que invade todos os espaços da sociedade; 4) Tem base material; 5) Corporifica-se; 6) Representa uma estrutura de poder baseada tanto na ideologia, quanto na violência.

Em Mossoró não é diferente do restante do país, a violência contra a mulher é uma constante. As meninas olho passarinho do mar, borboleta das flores e cruz da rosa narram suas vivências em meio a essas violências com muita “familiaridade”, pois percebem que a violência é tão comum nas suas casas e bairro que chegam a naturalizar tal realidade.

⁴ Este poema foi escrito pela autora da pesquisa.

As falas da menina olho de passarinho do mar externa a premissa de que as relações existentes entre homens e mulheres, nesses territórios, são intensas e violadoras. Segundo ela, “somos trocadas com facilidade, basta “pisar na bola”. Perguntei o que era pisar na bola, e a resposta veio imediatamente: “olhar para outro rapaz ou sair com quem eles não permitem, vestir roupas que eles não se agradam, ou recusar sexo na hora que eles querem” (Afirmação proferida em 12/05/2022). Naquele momento, os corpos dessas meninas não pertencem mais a elas, mas, aos donos do território.

A menina borboleta das flores relatou em um encontro em que estávamos falando sobre o combate ao abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes, explodindo em choro:

Eu cresci sendo abusada, eles ficam olhando pra o meu corpo, peitos e tudo mais, como se meu corpo fosse a única coisa que eu tivesse pra dar, às vezes sinto que nada do meu corpo é meu, que a qualquer momento eles vêm e toma (Afirmação proferida em 12/05/2022).

As outras meninas riram envergonhadas e com um pouco de nervosismo.

Também nas periferias as mulheres são oprimidas à padronização dos corpos, a partir de uma exigência de mercado. O consumo desses corpos empobrecidos acelera o turismo sexual e o tráfico humano para a prostituição. A menina cruz da flor queria ser modelo, tem um corpo magro, alto e negro, influenciada pelo padrão que se é visto nas passarelas do mundo.

Essa menina teria um futuro, caso alguma agência investisse no seu potencial, porém raramente isso acontece, e o que se tem conhecimento a partir da sua narrativa é que: “eu não tenho sorte, apesar da fé em Deus”. Sua família passa por muitas dificuldades, chegando muitas vezes a passarem fome. Para que isso não seja uma constância, a menina vai atrás dos amigos da facção, que por sua vez, dão um prato de comida pelo preço de trocas sexuais e tráfico de drogas.

Outro aspecto importante na reflexão acerca das narrativas de si das adolescentes, em conflitos com a lei sobre a sexualização dos corpos femininos, é a necessidade extrema de conviver com o biopoder nas relações sistêmicas, através das quais o sistema patriarcal interfere nas oportunidades de vida da mulher. A falta de oportunidades, para essas adolescentes que vivem na vulnerabilidade social empobrecidas nas periferias, agrava suas condições de sobrevivência, tornando-se mais frágeis e vulneráveis à política de morte, oriunda dos conflitos entre Estado e facções.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa pretendeu compreender, a partir das vozes das adolescentes, os conflitos existentes nos seus territórios e a sexualização dos seus corpos, decorrente de um sistema patriarcal, estruturante e extremamente machista, sexista que interfere nas oportunidades de vida das nossas interlocutoras.

O patriarcado imprime a liderança dos homens, com predominância nas atividades que agregam valor, e que se revertem em liderança na política e autoridade moral. Algumas sociedades ainda tornam o patriarcado mais dominante quando são patrilineares, atribuindo aos homens direitos sobre propriedades e aos títulos da família. No caso da pesquisa, nota-se um direito dos homens sobre as mulheres, configurado nas trocas sexuais e ou na hierarquia nos territórios, onde essas adolescentes moram, invadindo todos os aspectos das suas vidas.

REFERÊNCIAS

ASSIS, S. G. **Resiliência: enfatizando a produção dos adolescentes**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BAITELLO, J. N. **A Carta, o abismo, o beijo: os ambientes entre imaginação e o midiático/Noval Baitello Junior**. - São Paulo:Paulus, 2018. – (coleção comunicação).

BARBOSA, G. S. **Resiliência em professores do ensino fundamental de 5ª a 8ª Série: Validação e aplicação do questionário do índice de Resiliência: Adultos Reivich- Shatté /Barbosa**. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). São Paulo: Pontifca Universidade Católica, 2006.

BARROS, M. **Memórias inventadas: a infância**. São Paulo, Planeta 2003.

BAUMAN, Z. **1925 – Vida Líquida / Zygmund Bauman**: Tradução Carlos Alberto Medeiros. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. ,2007.

COMTE-SPOVILLE, A. **A vida humana**. A vida humana/André Comte-Sponville: desenhos de Sylvie Tnybert; trad.de Claudia Berliner. – São Paulo: WMF Martins Fonte, 2007.

COUTO, M. **E se Obama fosse africano? e outras intervenções**. Ensaio Editorial Caminho SA, Lisboa 2009.

CYRULNIK, B. **Os patinhos feios**. Trad. Mônica Staeh. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **Corra, a vida te chama - Mémoias**. Trad.Rejane Janowitzter. Rio de Janeiro: Rocco,2013.

_____. **O murmúrio dos fantasmas**. Trad. Sônia Sampaio. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **Autobiografia de um espantalho – Histórias de resiliência: o retorno à vida**. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

GAGO, V. **A potência feminista, ou o desejo de transformar tudo**. São Paulo: Elefante, 2020.

HABERMAS, J. **Consciência moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

HARVEY, D. O **Espaço da Esperança**. São Paulo: Loyola, 2004.

INSTITUTO PATRICIA GALVÃO. **Sobre machismo e violência contra as mulheres**: São Paulo, Julho - 2015. Acesso em 12 Ago de 2022 <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/dados-e-fontes/pesquisa/meninapodetudo-machismo-e-violencia-contra-a-mulher-enois-inteligencia-joveminstituotvladimir-herzoginstituotpatricia-galvao-2015/>

JOSSO, M. – Christine. **A experiência de vida e formação**/Marie Christine Josso; tradução de José Cláudio, Júlia Ferreira; revisão científica Maria da Conceição.

_____. Marie-Christine. **História de vida e projeto**: A história de vida como projeto e as “histórias de vida” a serviço de projetos/Educação e Pesquisa, jul.-dez., año/vol. 25, número 002 Universidade de São Paulo São Paulo, Brasil pp. 11-23 Passeggi, Marie -Christine Josso- 2 ed.rev.e ampl.Natal,RN: EDUFRN;São Paulo,2010.

JOB, F. P.P. **Os sentidos do trabalho e a importância da resiliência nas organizações**. Tese (Doutorado em Administração de Empresas). São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 2003.

MBEMBER, A. **Necropolítica e Biopoder Soberania Estado de Exceção Política da Morte**. Arte e Ensaio, revista do ppgav/eba/ufrrj-n.32. Dezembro de 2016.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Trad. de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

_____. **Conhecimento, Ignorância, mistério**. Edgar Morin; tradução: Clóvis Marques. – 1ª edição (2020); Editora: Bertrand Brasil, 112 páginas.

_____. **O cinema ou o homem imaginário**. Ensaio de Antropologia Sociológica/Edgar Morin; tradução Luciano Loprete. – 1 ed. – São Paulo: É Realizações, 2014. 288 p.; 23 cm.

FOUCAULT, M. **La sociedad punitiva. Buenos**. Aires: Fondo de Cultura Económica, 2016. [Ed. bras.: A sociedade punitiva. Trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

FREUD, S. **Arte, literatura e os artista**/ Sigmund Freud: tradução Ernani Chaves. – 1. ed.; 4. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2021. – (Obras incompletas de Sigmund Freud; 3).

GALVÃO, P. **Pesquisa Percepção da Sociedade sobre Violência e Assassinatos de Mulheres**: data Popular/Instituto Patrícia Galvão, 2013. Acesso em 12 Ago de 2022. Disponível em : https://assets-compromissoeatitude.ipg.sfo2.digitaloceanspaces.com/2013/08/livro_pesquisa_violencia.pdf

O método (auto) biográfico e a formação; Organizadores António Nóvoa, Matthias Finger. Trad. Maria Névoa. – 2.ed.- Natal, RN: EDUFRN, 2014.

POLETTI, R; DOBSS, B. **A resiliência**: a arte de dar a volta por cima. Trad. de Stephania Matousek. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007

PIMENTEL, A. **O método da análise documental**: seu uso numa pesquisa histórica.Cadernos de Pesquisa, n.114, p.179-195, nov., 2001. Recebido em 7/05/2009.

SAFFIOTTI, Heleieth Iara Bongiovani. **A Mulher na sociedade de classe**: Mito e realidade; prefácio de Antônio Candido de Mello e Souza. Petrópolis, Vozes, 1976.384p.21cm.

SOUZA, Karlla Christine Araújo. CAMPOS, Lindoaldo, VON ZUBEN, Marcos de Camargo Cancão: **a lua, o sol dos mendigos**: estudos críticos sobre o pássaropoeta do Pajeú. / Karlla Christine Araújo Souza, Lindoaldo Campos, Marcos de Camargo Von Zuben (Orgs). Mossoró: UERN, 2013.

SOUZA, F, C, S. **Narrativas de histórias de Vida e Resiliência**: quando o sujeito é o autor da sua formação *In*: DIÓGENES Elione Maria Nogueira; ANDRADE, Francisco Ari de (Orgs.) Temas de educação: olhares e caminhos. Curitiba: Editora CRV, 2015.

ZUM THOR, Paul, 1915 - **A letra e a voz**: A “literatura” medieval / Paul Zumthor; tradução Amálio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

VAN GOGH, Vicente. 1853-1890. **Cartas a Théo**/ Van Gogh; Trad. de Pierre Ruprecht, - Porto Alegre: Coleção L&PM Editores, ,2020.

POCKET 2002. WULF, Christoph. **Sapientia**: uma arqueologia de saberes esquecidos/ Christoph Wulf; Norval Baitello Júnior; trad. de Cláudia Dornbusch; Doris Buchman. _ São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2008.